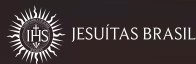


Cadernos
IHU *ideias*



ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
Ano 14 • n° 249 • vol. 14 • 2016

Jesuítas em campo:
a Companhia de Jesus e a questão agrária
no tempo do CLACIAS (1966-1980)

Iraneidson Santos Costa

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Jesuitas em campo:

a Companhia de Jesus e a questão agrária
no tempo do CLACIAS (1966-1980)

Jesuits in the field:

*The Society of Jesus and the agrarian
issue in the time of CLACIAS (1966-1980)*

Resumo

Neste artigo, analisaremos a atuação social da Companhia de Jesus no tempo do Conselho Latino-Americano dos CIAS (CLACIAS), isto é, entre 1966 e 1980. Em virtude da amplitude espacial e da diversidade temática das dezessete instituições envolvidas, elegemos como objeto privilegiado da reflexão a questão agrária, um dos campos mais conflitivos deste apostolado, seja em termos de formulação teórica, seja em termos de suas práticas. Assim, apresentaremos os “homens e meios” mobilizados pela Sociedade de Jesus em seu trabalho na área rural, suas principais linhas de atuação e, considerando que estamos diante de uma conjuntura fortemente marcada por governos ditatoriais, a repressão sofrida por conta do compromisso com a justiça social. A periodicidade adotada possibilita, outrossim, aprofundar a discussão em torno do generalato de Pedro Arrupe (1965-1981), o qual trouxe uma nova dinâmica para o apostolado social da Companhia de Jesus no mundo e, em especial, na América Latina.

Palavras-Chave: Companhia de Jesus; América Latina; Questão Agrária; CIAS; CLACIAS.

Abstract

Abstract: In this article we will analyze the social performance of the Society of Jesus during the activity period of the Latin American Council of CIAS (CLACIAS), that is, between 1966 and 1980. Due to the spatial range and thematic diversity of the seventeen institutions involved, the privileged object of reflection will focus on the agrarian question, one of the most conflictive fields of this apostolate, whether in terms of theoretical formulation or in terms of its practices. Thus, we will present the “men and media” mobilized by the Society of Jesus in their work in the rural area, its main lines of action as well as, considering that we are facing an environment strongly marked by dictatorial governments, the repression suffered by the commitment to social justice. The adopted periodicity allows to deepen the discussion about Pedro Arrupe’s generalate (1965-1981), which brought new dynamics to the Society of Jesus’ social apostolate of in the world, particularly in Latin America.

Keywords: Company of Jesus; Latin America; Agrarian Issue; CIAS; CLACIAS.

Cadernos
IHU *ideias*

**Jesuítas em campo:
a Companhia de Jesus e a questão agrária
no tempo do CLACIAS (1966-1980)**

Iraneidson Santos Costa
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
ano 14 • nº 249 • vol. 14 • 2016

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS 

Cadernos IHU ideias é uma publicação quinzenal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor: José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo: Jacinto Schneider

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XIV – Nº 249 – V. 14 – 2016

ISSN 1679-0316 (impresso)

ISSN 2448-0304 (online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial: MS Jéferson Ferreira Rodrigues; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. MS Gilberto Antônio Fagion; Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marilene Maia; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Prof. Dr. Adriano Naves de Brito, Unisinos, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Profa. Dra. Berenice Corsetti, Unisinos, doutora em Educação; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Profa. Dra. Suzana Klipp, Unisinos, doutora em Comunicação.

Responsável técnico: MS Jéferson Ferreira Rodrigues

Imagem da capa: Public Domain Pictures

Revisão: Carla Bigliardi

Editoração: Rafael Tarcísio Fomeck

Impressão: Impressos Portão

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2003) - . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .

v.

Quinzenal (durante o ano letivo).

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.

Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 11, n. 204 (2013).

ISSN 1679-0316

1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 316

1

32

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ISSN 1679-0316 (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos IHU ideias:

Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467
Email: humanitas@unisinos.br

**JESUÍTAS EM CAMPO:
A COMPANHIA DE JESUS E A QUESTÃO AGRÁRIA
NO TEMPO DO CLACIAS (1966-1980)**

Iraneidson Santos Costa
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

No cinquentenário de fundação do CLACIAS

Do SIAS ao CLACIAS

Em carta dirigida aos padres membros dos Centros de Investigação e Ação Social (CIAS) da América Latina no final de 1966, o recém-eleito Geral da Companhia de Jesus, Pedro Arrupe, após recuperar de maneira sucinta a trajetória do apostolado social latino-americano, anunciou a promulgação dos Estatutos dos referidos Centros, os quais traziam uma inovação organizativa:

Era, portanto, minha intenção tornar patente a todos, começando por vocês, minha decisão de que a Companhia se prepare com renovado empenho para a tarefa de humanizar a sociedade. Digo novo empenho porque a estratégia mesma do governo da Companhia visa adquirir uma maior flexibilidade: espera-se que a cooperação de vocês através do novo CLACIAS, tanto na função de informar aos PP. Provinciais e a mim mesmo, como na coordenação da ação dos diversos CIAS, ajude a obter mais agilidade, mais eficácia.¹

Até então, a coordenação do apostolado social iniciava no continente estivera sob a responsabilidade do Secretariado Interamericano de Ação Social (SIAS), sediado em Santo Domingo, na República Dominicana, e dirigido pelo jesuíta cubano Manuel Foyaca de la Concha entre 1962 e 1966. Mas não consistia efetivamente numa estrutura colegiada, e sim na continuidade da atuação individual do padre Manuel Foyaca, que havia desempenhado a função de Visitador Social da América Latina entre 1955 e 1962, tendo sido responsável pela montagem da rede dos CIAS latino-

¹ ARRUPPE, Pedro. *A todos los padres miembros de los CIAS de América Latina*. Roma, 12 de dezembro de 1966. Arquivo SJS. Caixa CIAS (tradução nossa).

americanos. Neste período, ele percorreu quase todos os países do continente, diagnosticou a situação do apostolado social em cada uma das dezenove Províncias, Vice-Províncias e Missões da Companhia de Jesus então existentes, identificou e selecionou jovens jesuítas com vocação para a ação social, enviando-os à Europa ou aos Estados Unidos para se especializar nas ciências sociais, políticas ou econômicas e, por fim, incumbiu-os de, em retornando a seus locais de origem, constituir (ou fortalecer) os CIAS. Em dezembro de 1966, quando surgiu o CLACIAS, havia nada menos do que onze CIAS no continente (a saber, nas Antilhas, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, México, Paraguai, Peru e Uruguai), aos quais iriam se somar, no ano seguinte, o Centro de Estudos e Ação Social (em Salvador, no Brasil) e o Centro Gumilla (em Caracas e Barquisimeto, na Venezuela)².

A própria localização do SIAS, aliás, se explicava mais por uma contingência pessoal do seu secretário do que exatamente pela relevância do centro social antilhano. Exilado de Cuba em 1962 por conta da incompatibilidade com o governo revolucionário castrista, Manuel Foyaca tentara inicialmente fixar o secretariado em Porto Rico, optando, por fim, pela República Dominicana, destino de boa parte dos jesuítas cubanos vinculados ao apostolado social. O recém-fundado Conselho Latino-Americano dos CIAS (CLACIAS), por sua vez, foi instalado em Santiago e seria conduzido, em seus primeiros anos, por membros do importante Centro Bellarmino, denominação do CIAS chileno, como veremos a seguir.

De qualquer modo, em que pese as mudanças introduzidas pelo CLACIAS, cremos estar diante de mais uma etapa no longo percurso de articulação e busca de eficácia da Ordem. Desde sua origem, na primeira metade do século XVI, Inácio de Loyola enfrentou este desafio, como se pode ler nas *Constituições da Companhia de Jesus*, de 1551:

Quanto mais difícil é a união dos membros desta Congregação, entre si e com sua cabeça, dada a sua dispersão pelas diversas partes do mundo, entre fiéis e infiéis, tanto mais necessário é procurar todos os meios para a obter. De fato, a Companhia não pode manter-se, nem ser governada, nem por conseguinte atingir o fim que pretende para a maior glória de Deus, se os seus membros não estiverem unidos entre si e com a cabeça. (LOYOLA, 1975, § 655, p. 221)

2 Até 1980 se incorporaram a esta rede mais quatro centros: em 1969, os CIAS da América Central (com sedes em El Salvador, Guatemala, Nicarágua e Panamá) e da Guiana Inglesa (denominado Guyana Institute for Social Research and Action/GISRA); no ano seguinte, o Centro de Documentação e Pesquisa (Cedope), de São Leopoldo (Brasil), e o St. Mary Rural Development Project, de Kingston (Jamaica). Para a origem e articulação dos centros sociais jesuítas latino-americanos, cf. Costa (2016). Para uma visão mais ampla do apostolado social da Companhia de Jesus, cf. Antoncich (s.d.).

Neste artigo, analisaremos a atuação social da Companhia de Jesus no tempo do CLACIAS, isto é, entre 1966 e 1980. Em virtude da amplitude espacial e da diversidade temática das dezessete instituições envolvidas, elegemos como objeto privilegiado da reflexão a questão agrária, um dos campos mais conflitivos deste apostolado, seja em termos de formulação teórica, seja em termos de suas práticas. Assim, apresentaremos os “homens e meios” mobilizados pela Sociedade de Jesus em seu trabalho na área rural, suas principais linhas de atuação e, considerando que estamos diante de uma conjuntura fortemente marcada por governos ditatoriais, a repressão sofrida por conta do compromisso com a justiça social. A periodicidade adotada possibilita, outrossim, aprofundar a discussão em torno do generalato de Pedro Arrupe (1965-1981), o qual trouxe uma nova dinâmica para o apostolado social da Companhia de Jesus no mundo e, em especial, na América Latina. Antes, porém, de entrarmos no debate agrário propriamente dito, vejamos como se estruturava e operava a entidade representativa dos CIAS latino-americanos.

Estrutura e funcionamento do CLACIAS

O CLACIAS foi criado oficialmente em 12 de dezembro de 1966, em cumprimento ao que havia sido deliberado em julho daquele ano na primeira assembleia dos diretores dos CIAS latino-americanos, ocorrida em Lima. Convocada expressamente para avaliar o desempenho dos respectivos centros, bem como elaborar os Estatutos que deveriam reger suas futuras ações, tal reunião representou um marco na história do apostolado social iniciano no continente. Consciente disso, mesmo ausente pessoalmente, Pedro Arrupe se fez representar por uma equipe qualificada – dois assistentes da América Latina, um assistente da Alemanha e diversos jesuítas do Instituto de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG) –, de modo a subsidiar a “tomada de posição da Companhia de Jesus diante do conflito social na América Latina”³. Seu discurso, lido na abertura do evento, demonstrou de maneira enfática a relevância por ele conferida ao papel desempenhado pelos centros sociais:

Convém, em primeiro lugar, sublinhar a importância dos CIAS nas circunstâncias em que vossos países se encontram atualmente. Lançados a um urgente esforço de desenvolvimento e expostos à sedução de doutrinas desviadas, não haviam necessitado tanto como

3 ARRUPPE, Pedro. *Carta aos Superiores Maiores sobre o Apostolado Social na América Latina*. Roma, 12 de dezembro de 1966. *Boletim Informativo*, Rio de Janeiro, ano III, n. 3, p. 5, 15 de setembro de 1967. Arquivo Campo. Pasta CIAS.

agora a inspiração de uma orientação cristã que conduza e oriente as reformas das estruturas sociais.⁴

Concebido para conferir “uma maior unidade e eficácia da ação social dos CIAS na América Latina”, o CLACIAS nasceu com duas funções precípua: primeiramente, informar ao Geral e aos Provinciais “sobre as necessidades, remédios viáveis, conflitos etc. relacionados com o CIAS e com sua missão quanto ao apostolado social”; em segundo lugar, coordenar a ação conjunta dos CIAS, permutando as informações, harmonizando as especialidades etc.⁵ A sede inicial escolhida, como vimos, foi a capital chilena, tendo o CLACIAS funcionado, nestes primeiros anos, no mesmo prédio do recém-fundado Instituto Latinoamericano de Doutrina y Estudios Sociales (ILADES), o que já dá uma indicação da orientação pretendida⁶.

Do ponto de vista organizativo, ele estava dividido em uma Secretaria Executiva e quatro Coordenações Regionais: América Latina Meridional I (que englobava Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai, Peru e Uruguai), América Latina Meridional II (formada exclusivamente pelo Brasil), América Latina Setentrional I (Colômbia, Equador e Venezuela) e América Latina Setentrional II (América Central, Antilhas e México)⁷. Tanto o secretário executivo quanto os coordenadores regionais eram indicados pelo Geral, com mandatos trienais renováveis, com a diferença de que o primeiro possuía dedicação exclusiva, enquanto os demais coordenadores deveriam conciliar esta função com seus demais encargos, ainda que dedicando “a maior e melhor parte do seu tempo” ao CLACIAS. Há que registrar uma diferença fundamental entre o novo desenho institucional e a função anterior de Visitador. Enquanto este cargo conferia a seu detentor a prerrogativa de atuar em nome do Padre Geral “pelo tempo e com a autoridade que julgar oportuna” (AIXALÁ, 2001, p. 1748, tradução nossa), ou seja, com um poder superior, pelo menos na questão social, aos Provinciais e Vice-Provinciais, o secretário-executivo e os coordenadores re-

4 ARRUIPE, Pedro. *Discurso del R. P. General a los miembros del Congreso Latinoamericano del CIAS de la Compañía de Jesus*. Lima, 25 de julho de 1966. Arquivo SJS. Caixa CIAS (tradução nossa).

5 ARRUIPE, Pedro. *Estatutos dos Centros de Informação (ou Investigação) e Ação Social (CIAS)*. Roma, 12 de dezembro de 1966. *Boletim Informativo*, Rio de Janeiro, ano III, n. 2, p. 4, 1º de setembro de 1967. Arquivo Campo. Pasta CIAS.

6 Fundado em 1965 por iniciativa do cardeal arcebispo de Santiago, Raúl Silva Henríquez, e do bispo de Talca, Manuel Larraín, o ILADES foi uma instituição destinada à investigação e à docência, com a finalidade de difundir a Doutrina Social da Igreja e formar dirigentes cristãos, tendo como paradigma a parisiense Action Populaire. Cf. Fernández (2013).

7 Em 1972, os Estatutos sofreram uma pequena revisão, com a fusão das Coordenações Regionais da América Latina Setentrional I e II.

gionais estavam subordinados às instâncias provinciais, sem a anuência das quais não obteriam êxito em sua atuação.

Como havíamos dito, os dois primeiros secretários-executivos do CLACIAS foram membros do Centro Bellarmino (ver Quadro I, a seguir). O chileno Hernan Larraín Acuña, que exerceu o cargo entre dezembro de 1966 e fevereiro de 1968, era doutor em Psicologia pela Universidade de Munique, fundador e diretor da Escola de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Chile, ex-reitor da Universidade Católica de Valparaíso (UCV), assessor do CIAS e diretor da importante revista jesuíta *Mensaje*, tendo acumulado a função de coordenador regional da América Latina Meridional I. Seu sucessor, o francês Pierre Bigo (que muitos autores grafam Bigó), possuía um currículo mais denso: formado em Letras pela Sorbonne e doutor em Direito pela École des Sciences Politiques, ambas em Paris, tinha sido padre-operário e membro durante alguns anos de Action Populaire, onde foi discípulo do também jesuíta Gustave Desbuquois, um dos fundadores e o grande diretor daquele centro social na década de 1950. Professor do Instituto Católico de Paris, Pierre Bigo se tornou um dos grandes especialistas em Doutrina Social da Igreja, razão pela qual era constantemente convidado para assessorar o episcopado latino-americano. Uma vez radicado na América Latina, foi assessor do CIAS, primeiro diretor do ILADES (1965-1970) e segundo secretário-executivo do CLACIAS, desempenhando a função entre fevereiro de 1968 e abril de 1972.

Quadro I

Coordenações do CLACIAS (1966-1980)

Período	Secretário Executivo	Coordenador Regional ALM I	Coordenador Regional ALM II	Coordenador Regional ALS I	Coordenador Regional ALS II
1966-1968	Hernán Larraín	Hernán Larraín	Nelson Queiroz	Jaime Martínez	José Luís Alemán
1968-1972	Pierre Bigo	Alberto Sily	Nelson Queiroz	Jaime Martínez	José Luís Alemán
1972-1975	José Luís Alemán	Alberto Sily	Paulo Meneses	Jaime Martínez	
1975-1977	José Luís Alemán	Alberto Sily	Francisco José Fernández Viniégua	José Luís Alemán	
1977-1980	José Luís Alemán	Ricardo Antoncich		Miguel Munárriz	

Fonte: *Informaciones del Clacias*, Santiago, nºs 1-9, 1969-1971. Arquivo CEPAG Paraguay. Caixa CEPAG-CIAS (1964-1976).

Em 1972, no bojo da reforma estatutária, o CLACIAS mudou de sede e coordenação. Estabelecido, a partir de então, em Santo Domingo (que havia abrigado o SIAS dez anos antes), teve como secretário-executivo neste último período (1972-1980) o sociólogo e economista mexicano José Luís Alemán Dupuy. Filho de pai cubano e mãe francesa, José Luís Alemán era doutor em Economia e havia migrado para a República Dominicana em 1961 como parte do grupo de jesuítas constituído em torno de Manuel Foyaca e expulso de Cuba pelo governo revolucionário. Professor de Economia da Pontifícia Universidade Católica Mãe e Mestra (PUCMM), foi diretor do CIAS Antilhas e coordenador regional da América Latina Setentrional II nas gestões de Larraín e Bigo.

Em termos operacionais, os Estatutos do CLACIAS determinavam a ocorrência de pelo menos uma reunião anual, o que foi conseguido em seus primeiros tempos, espaçando-se cada vez mais durante a década de 1970. A primeira reunião do CLACIAS ocorreu em Santo Domingo, em junho de 1967, a segunda no Rio de Janeiro, em maio de 1968, a terceira em Bogotá, em março de 1969, a quarta na Cidade do México, entre final de maio e início de junho de 1970, a quinta em Belo Horizonte, em setembro de 1971, a sexta novamente no Rio de Janeiro, em agosto de 1975, e a sétima em Caracas, em abril de 1977.

Além dos encontros ordinários, eram realizados seminários temáticos, um dos quais versou sobre a Promoção Social Camponesa e ocorreu em Bogotá entre 26 e 30 de novembro de 1973. Convocado pelo secretário-executivo do CLACIAS, José Luis Alemán, foi organizado e coordenado por um grupo de jesuítas dos CIAS da Colômbia, República Dominicana e Venezuela:

Organizado pelo CLACIAS a pedido expresso do P. Geral e tratava de recolher a reflexão que, a nível dos CIAS das diferentes nações, vem sendo feita sobre o trabalho dos Nossos no campo rural, suas implicações políticas e os novos problemas colocados para a Igreja pela atuação social dos grupos camponeses organizados.⁸

Na preparação do encontro, os organizadores enviaram a todos os CIAS um documento prévio no qual arrolavam uma série de pontos que deveriam ser aprofundados. Vale a pena registrar alguns deles. No tocante aos agentes pastorais da zona rural, por exemplo, advertiam que boa parte deles (padres, religiosos e religiosas de diversas ordens e congregações) não eram “promotores sociais” no sentido estrito do termo, mas “transmitem juízos e tomam decisões bastante variadas diante das novas

8 *Seminário sobre Pastoral Rural*. Arquivo CEPAG Paraguay. Caixa CEPAG-CIAS (1964-1976) (tradução nossa).

tendências. Uma vez tratam de ignorá-las, outras de combatê-las ou de controlá-las e usá-las⁹. Diante disso, reputava-se como fundamental que os membros da equipe de promoção camponesa dos CIAS discutissem o papel destes agentes, sobretudo os párocos rurais, avaliando se vinha sendo dado o devido acompanhamento e ajuda operacional aos mesmos¹⁰.

Outro aspecto sensível dizia respeito à posição da Igreja diante de situações desafiadoras à luz do Evangelho, a exemplo da ocupação de terras, da repressão violenta a dirigentes camponeses por parte de setores dominantes e do surgimento de novas organizações camponesas, algumas das quais dirigidas por não crentes, ainda que mais ou menos interessadas no apoio eclesial. Por fim, na dimensão explicitamente política, cada um dos CIAS era questionado acerca do “potencial do campeonato na mudança qualitativa” da respectiva nação, bem como os “métodos utilizados para confrontar o poder ‘ilegítimo’”¹¹.

O Seminário contou com a participação de 38 jesuítas de diversos países, à exceção do Uruguai, que não conseguiu viabilizar o envio de um representante, e do Chile, em virtude da situação dramática provocada pelo golpe militar de setembro de 1973. Da Bolívia foi apenas um padre, já que os demais tiveram receio de não serem autorizados a entrar no país quando do seu regresso. O Seminário permitiu não apenas o intercâmbio de experiência entre os diversos CIAS, como também a análise concreta da situação dos camponeses latino-americanos em termos sociais, políticos, econômicos, culturais e religiosos e uma avaliação da atuação da Companhia de Jesus neste setor. Neste particular, concordou-se que

são poucos os jesuítas que trabalham neste campo levando-se em conta a proporção da população rural latino-americana e o despertar desta classe, que a faz transformar-se num elemento de forte peso social num futuro próximo. Ademais, pode constatar-se que os esforços da Companhia na pastoral rural renovada são, em quase todas as nações, de data bastante recente e, em muitos casos, fruto do

9 *Reunión de Promotores Sociales de los CIAS*, p. 4. Arquivo Campo. Pasta CIAS (tradução nossa).

10 Em reunião ocorrida na Cidade do México, em 1970, os membros do CLACIAS elaboraram um documento intitulado “Algunas reflexiones sobre la orientación social del apostolado de la Compañía em América Latina”, no qual chamavam a atenção para a importância dos sacerdotes rurais: “Os sacerdotes rurais podem ser grandes agentes de mudança nas comunidades. A comunicação com eles e a oferta de nossos estudos técnicos podem ser uma forma prática de colaboração de grande eficácia real” (apud *Informaciones del Clacias*, Santiago, n. 6, p. 9, setembro de 1970).

11 *Reunión de Promotores Sociales de los CIAS*, p. 5. Arquivo Campo. Pasta CIAS (tradução nossa).

trabalho de indivíduos isolados mais do que de uma opção da própria Companhia como corpo.¹²

Também se concluiu que era “básico manter um contato estreito com as *bases populares*, sobretudo para a elaboração de uma teologia que conte com portadores populares e parta da realidade de nossos países”¹³. As principais deliberações do Seminário foram as seguintes:

- Destinação de mais indivíduos capacitados e preparados para o apostolado rural;
- Participação mais próxima dos CIAS com relação ao apostolado rural, acompanhando-o em sua reflexão social e teológica e realizando investigações e estudos de acordo com as necessidades das bases;
- Organização de uma coordenação nacional e regional dos jesuítas que trabalham no campo da pastoral rural;
- Solicitação ao Padre Geral da criação de uma coordenação da pastoral rural integrada ao CLACIAS e com a missão de coordenar em âmbito latino-americano este trabalho, cuidando do intercâmbio de informações e da ajuda mútua;
- Solicitação ao Padre Geral da convocação de um encontro similar com os jesuítas que trabalham com os indígenas.¹⁴

O Secretariado para o Desenvolvimento Sócio-Econômico (Jesedes), órgão criado em 1969 e então coordenado pelo jesuíta Francisco Ivern Simó, da Província Brasil Central (BRC), realizou uma avaliação bastante crítica do encontro, destacando os dois mais urgentes desafios colocados por este apostolado: de um lado, a necessidade de sistematizar a pedagogia utilizada no trabalho de promoção rural, a teologia a ele subjacente e o conhecimento prático sobre o contexto social no qual o apostolado deve ser situado¹⁵. Por outro lado, chamou-se a atenção para a importância de superar o impasse com a hierarquia:

Existem de fato bispos que sentem que alguns jesuítas comprometidos com o trabalho social da Igreja ignoram não apenas as orientações do Magistério como as deles mesmos e parecem dobrar-se ideologicamente ao marxismo. (...) A fim de quebrar o impas-

12 *Seminário sobre Pastoral Rural*. Arquivo CEPAG Paraguay. Caixa CEPAG-CIAS (1964-1976) (tradução nossa).

13 *Reunión de Promotores Sociales de los CIAS*, p. 1. Arquivo Campo. Pasta CIAS (grifo no original, tradução nossa).

14 *Seminário sobre Pastoral Rural*. Arquivo CEPAG Paraguay. Caixa CEPAG-CIAS (1964-1976) (tradução nossa).

15 CLACIAS for a renewal of the social commitment of the society in Latin America. *Newsletter*, n. 1, p. 2-3. Roma, fevereiro de 1974. Arquivo SJS. (tradução nossa).

se com os bispos, é, portanto, essencial, que seja dada a informação adequada sobre a ação social com a qual muitos jesuítas têm se comprometido e cuja característica interna é realmente de natureza religiosa.¹⁶

Em meados da década de 1970, teve início a discussão a respeito de uma substancial remodelação no formato organizativo do apostolado social, o que terminou culminando, em 1980, com a supressão do CLACIAS e a instituição das Coordenações do Apostolado Social por Assistência: América Latina Setentrional (ALS), englobando México, Caribe, América Central, Panamá, Venezuela, Colômbia e Equador; e América Latina Meridional (ALM), incluindo Peru, Chile, Bolívia, Paraguai, Argentina, Uruguai e Brasil. O novo modelo diferia do anterior sobretudo no aspecto jurídico, uma vez que o CLACIAS dependia diretamente da Cúria Geral da Companhia de Jesus, enquanto as Coordenações estavam ligadas às respectivas Conferências de Provinciais das duas Assistências. A articulação com Roma passou a ser mediada pelo já referido Jesedes¹⁷.

“Homens peritos e meios suficientes”: instituições e pessoas ligadas à questão agrária

Quando afirmávamos acima que a maneira mais apropriada de compreender a novidade do CLACIAS talvez seja inseri-lo na tradição do apostolado social da Companhia de Jesus, queríamos nos referir, entre outras coisas, à constatação de que algumas das inovações por ele implementadas compunham o ideário social jesuítico anterior. É este o caso do valor conferido à especialização, seja das obras, seja dos indivíduos a elas destinados. Em 1946, a Congregação Geral XXIX já prescrevia em seu decreto 29 a instituição, em cada uma das Províncias ou regiões, de um “centro de ação e estudos sociais”, ao qual se designaria “homens peritos e meios suficientes para que, de verdade, possa ser apto para estender e propagar o trabalho social, impulsionar e dirigir a Ação social

16 CLACIAS for a renewal of the social commitment of the society in Latin America. *Newsletter*, n. 1, p. 3. Roma, fevereiro de 1974. Arquivo SJS. (tradução nossa). O segundo seminário ocorreu em Buenos Aires entre 15 e 22 de julho de 1974 e teve como tema Fé, Povo e Poder, tendo sido coordenado por outro grupo de membros dos CIAS do Peru (Ricardo Antoncich), Argentina (Fernando Boasso), Uruguai (Ricardo Centruolo) e pelo coordenador regional Alberto Sily. Nos anos 1980, o Encontro de Jesuítas em Paróquias Rurais e Suburbanas na Assistência da América Latina Setentrional foi realizado em Quito, de 18 a 22 de janeiro de 1988. Na década seguinte, o Seminário Latino-Americano de Obras e Projetos da Companhia de Jesus com Setores Camponeses teve lugar em Buga, na Colômbia, entre 24 e 30 de abril de 1994.

17 Rebatizado posteriormente de Secretariado de Justiça Social (SJS), denomina-se atualmente Secretariado de Justiça Social e Ecologia (SJES).

dos Nossos”¹⁸. A propósito, o Padre Geral nela eleito, o belga Jean-Baptiste Janssens (1946-1964), imediatamente anterior a Pedro Arrupe, retomou este ponto anos depois, dedicando-lhe toda uma seção de sua célebre *Instrução sobre o Apostolado Social*, de outubro de 1949, na qual recomendou que “os mais exímios dentre esses Padres constituam um Centro de Informação e Ação Social, (...) [com a finalidade de] ensinar aos outros a doutrina teórica e prática”. (JANSSENS, 1991, p. 99). Manuel Foyaca, o Visitador Social que, como sabemos, padre Janssens enviou ao continente para dar vida a estes centros, insistiu nesta questão numa Instrução publicada na segunda metade da década de 1950:

É necessário destinar a este apostolado “padres verdadeiramente aptos”. Não padres inúteis, com os quais o Padre Provincial não possa contar para outras coisas... Padres verdadeiramente aptos! Que tenham todo tipo de qualidades requeridas para esta difícil ação. (...) Padres que se entreguem por completo a este ministério. Hoje a ação social não pode ser um passatempo ao qual se dedicam os minutos roubados da sesta... (FOYACA, 1991, p. 119).

Quantos e quais eram estes jesuítas peritos para os quais o ministério da ação social não seria jamais um “passatempo dos minutos roubados da sesta”, mas sim a atividade principal? Apesar da imensa dificuldade em quantificar de maneira precisa este apostolado, seja pela dispersão das informações, seja pela própria flexibilidade dos indivíduos em questão, que podiam mudar de lugar e/ou de atividade com uma certa frequência, um rigoroso levantamento feito pelo boletim do CLACIAS, *Informaciones del Clacias*, em 1969, nos permite formular uma estimativa razoavelmente confiável para o período.

18 Apud FOYACA, 1991, p. 121. A Congregação Geral (CG) é uma espécie de assembleia geral da Companhia de Jesus, composta por representantes eleitos das diversas Províncias da Ordem em número proporcional à quantidade de jesuítas das mesmas. Reunida pela primeira vez em 1558, consiste não apenas no colégio eleitoral para a escolha do Prepósito Geral como também no seu corpo legislativo, responsável pela aprovação das Normas Complementares das Constituições, dos Decretos e demais documentos. A mais recente CG, de número 36, foi inaugurada em Roma no dia 3 de outubro de 2016 e elegeu o novo Superior Geral da Ordem, o venezuelano Arturo Sosa Abascal.

Quadro II
Jesuítas dos CIAS latino-americanos que atuavam
na área rural entre 1969 e 1971

Jesuítas	Formação acadêmica (além de Filosofia/Teologia)	CIAS ao qual estava vinculado	Área de atuação
Celio Caycedo	-	CIAS Colômbia	Coordenação de extensão camponesa e líderes agrários
Cláudio Perani	Especialização em Espiritualidade (Universidade Católica de Lovaina, Bélgica)	CIAS Bahia	Assessoria aos camponeses e trabalhadores assalariados rurais
Darío Ubilla Ferreira	Doutorado em Sociologia da Literatura (Sorbonne, França)	CIAS Uruguai	Análise cultural da literatura em grupos camponeses
Diego Ortíz Rodríguez	História Eclesiástica (Itália)	CIAS Paraguai	Formação de líderes camponeses
Federico Aguiló Bomín	Ciências Sociais (Instituto Católico de Paris, França)	CIAS Bolívia	Pároco de treze comunidades camponesas
Francisco Guzmán	-	CIAS Antilhas	Cursos de formação social agrária, assessoria nacional à Fedelac e à Cefasa
Francisco Javier Mejía	-	CIAS Colômbia	Fundação e direção do IMCA
Gonzalo Arroyo Correa	Engenheiro Agrônomo; doutorado em Economia (Universidade de Iowa, Estados Unidos)	CIAS Chile	Pesquisas sobre economia agroindustrial
Gustavo López Monje*	Desenvolvimento de Comunidade (OEA, Bolívia)	CIAS Equador	Assessoria a cooperativas agrícolas (Ponto IV/Usaid)
José Llorente	Cooperativismo (Universidade de Laval, Canadá); especialização em Cooperativismo (Porto Rico)	CIAS Antilhas	Direção de cursos básicos de cooperativismo
José Luís Caravias	-	CIAS Paraguai	Sacerdócio na área rural, formação de líderes camponeses, assessoria às LAC

Jesuíta	Formação acadêmica (além de Filosofia/Teologia)	CIAS ao qual estava vinculado	Área de atuação
Luis Farré Maluquer	-	CIAS Paraguai	Sacerdócio na área rural, acompanhamento nacional dos diáconos camponeses
Manuel Andrés Mato	Doutor em Filosofia (Pontifícia Universidade Gregoriana, Itália)	CIAS Bahia	Assessoria aos camponeses e trabalhadores assalariados rurais
Miguel Artola	Sociologia Rural (Sorbonne, França)	CIAS Uruguai	Assessoria no Centro Pedro Fabro
Ramiro León Ricaurte	Cooperativismo e Desenvolvimento de Comunidades (ILADES, Chile)	CIAS Equador	Direção do Departamento de Educação de Cooperativas Agrícolas (Punto IV/Usaid)
Vicente Andrade Valderrama	Filosofia (Pontifícia Universidade Gregoriana, Itália)	CIAS Colômbia	Assessoria à Fanal
Vicente Barreto	-	CIAS Paraguai	Assessoria às LAC
Vicente Santuc Laborde	Sociologia Agrária (Sorbonne, França)	CIAS Peru	Fundação e direção do CIPCA, fundação do CCAIJO
Vicente Sarubbi Zaldívar	Doutor em Filosofia (Universidade de Bielefeld, Alemanha)	CIAS Paraguai	Assessoria às LAC
Xavier Albó Corrons	Doutor em Linguística e Antropologia (Universidade de Cornell, Estados Unidos); doutor em Filosofia (PUC Equador)	CIAS Bolívia	Fundação e direção do CIPCA

Fonte: *Informaciones del Clacias*, Santiago, nºs 1-9, 1969-1971. Arquivo CEPAG Paraguay. Caixa CEPAG-CIAS (1964-1976).

* Saiu da Companhia de Jesus em 1970.

O Quadro II (acima) elenca os vinte jesuítas dos CIAS latino-americanos que atuavam na área rural entre 1969 e 1971. Como os dados de que dispomos indicam um total de 136 jesuítas vinculados efetivamente aos CIAS durante aqueles anos, estimamos em 15% a fração do apostolado social dedicado a este campo. Outro aspecto relevante diz respeito à formação destes jesuítas: como se trata da primeira geração dos quadros dos CIAS, recrutados por sua aptidão e/ou vocação para o trabalho social,

mas não necessariamente qualificados previamente nesta perspectiva, constatamos que, das duas dezenas de jesuítas envolvidos no trabalho junto aos camponeses, apenas seis (30%) possuíam uma formação acadêmica específica (Sociologia Agrária, Cooperativismo, Desenvolvimento de Comunidade etc.).

Por outro lado, um traço deste momento pioneiro dos CIAS foi justamente o encaminhamento dos candidatos ao apostolado social para uma formação especializada que os tornasse exímios na área de atuação definida. Quantos destes indivíduos se qualificaram na questão agrária? Com base nas informações coligidas pelo próprio CLACIAS na transição das décadas de 1960 e 1970, construímos o Quadro III (abaixo), onde se pode verificar que apenas cinco dos destinados ao estudo haviam sido orientados para áreas como Economia Rural, Economia Agrária ou Sociologia Agrária. Como naquele período havia 54 jesuítas em formação, isso representa 10% do total, inferior, inclusive, aos 15% dos jesuítas do apostolado social rural.

Quadro III

Jesuítas destinados aos CIAS latino-americanos que estavam se especializando na questão agrária nas décadas de 1960 e 1970

Jesuíta	Formação Acadêmica	Universidade/Local	CIAS para o qual estava destinado
Cláudio Pou Viver	Doutorado em Economia Rural	Universidade de Iowa (Estados Unidos)	CIAS Bolívia
Gilberto Gómez	Doutorado em Economia Agrária	Frankfurt (Alemanha)	CIAS Colômbia
Héctor López	Sociologia Agrária	-	CIAS Colômbia
Iván García	Mestrado em Economia Agrária	Universidade de Ohio (Estados Unidos)	CIAS América Central
Javier Saravia Herrera	Pós-Graduação em Economia Rural	México	CIAS México

Fonte: *Informaciones del Clacias*, Santiago, nos 1-9, 1969-1971. Arquivo CEPAG Paraguay. Caixa CEPAG-CIAS (1964-1976).

Outro levantamento estatístico muito interessante foi feito pela Província Sul-Brasileira (também chamada de Brasil Meridional/BRM) para um período similar. Elaborado pelo jesuíta Pedro Calderán Beltrão, então secretário executivo da Comissão de Planejamento Apostólico (CPA) da

respectiva Província, ele indica (ver Quadro IV, abaixo) que o número de jesuítas envolvidos no apostolado social mais direto avançou entre 1968 e 1981, ainda que de maneira bastante discreta, de 45 para 47 pessoas. Mais expressivo do que isto, revela em quais setores tais jesuítas estavam alocados.

Quadro IV
Forças no apostolado social da Província Sul-Brasileira
da Companhia de Jesus (1968-1971)

Setores	1968				1971			
	P	E	I	T	P	E	I	T
Círculos Operários	9	0	0	9	11	1	1	13
Setor rural	5	2	1	8	7	0	1	8
Setor universitário (magistério e pesquisa)	5	3	0	8	7	3	0	10
Outros	6	0	0	6	6	0	1	7
Em formação	0	14	0	14	0	9	0	9
Total	25	19	1	45	31	13	3	47

Legenda: P = Padres; E = Escolásticos; I = Irmãos; T = Total.

Fonte: BELTRÃO, Pedro Calderán. *Relatório acerca da aplicação da Carta da Gávea*. Arquivo CEPAG Paraguay. Caixa CEPAG-CIAS (1964-1976).

Com isso, é possível aferir o peso do setor rural no apostolado social da Província Sul-Brasileira da Companhia de Jesus na transição das décadas de 1960 e 1970. Para tanto, retiramos do cálculo os jesuítas em formação, na medida em que não temos como saber para quais áreas do apostolado eles pretendiam se orientar (muito menos para quais efetivamente se direcionaram, no caso daqueles que não saíram da Ordem). Assim, a quantidade de jesuítas dedicados ao apostolado social passou de 31 (em 1968) para 38 (em 1971), num incremento de 23%. Neste período, o setor rural permaneceu estagnado em termos absolutos, com os mesmos oito jesuítas, com uma pequena alteração em termos de composição interna, já que em 1968 eles consistiam em cinco padres, dois escolásticos e um irmão, enquanto, três anos depois, eram sete padres, nenhum escolástico e um irmão. Em termos relativos, todavia, houve um recuo, na medida em que o setor passou de 26% para 21% do total de jesuítas do apostolado social. Em contraposição, os Círculos Operários se mantiveram como a área prioritária, ampliando, inclusive, sua presen-

ça, de 29% para 34% dos jesuítas, seguido pelo setor universitário, estabilizado em 26%.

Duas considerações se fazem necessárias aqui: primeiramente, há que recordar que o conceito de apostolado social empregado para a construção deste levantamento é bastante amplo, incluindo jesuítas ligados a diversos tipos de instituições, e não apenas aqueles inseridos nos CIAS (que, no caso da Província BRM, era o Cedope, fundado, como vimos, apenas em 1970). Ademais, a primazia dos Círculos Operários, então em descenso na ação social católica brasileira em geral, deve ser compreendida em virtude de seu forte enraizamento no sul do Brasil, onde surgiram na década de 1930, intensificado pelo fato de a Companhia de Jesus ter desempenhado um papel protagonista em seu desenvolvimento, já que seu criador e, durante muitos anos, principal dirigente nacional e assistente eclesialístico da Confederação Nacional de Operários Católicos (CNOOC), foi o jesuíta Leopoldo Brentano, seguido por outros companheiros de Ordem, como Urbano Rausch.

Mas quais eram os meios de que dispunham estes homens para realizar o apostolado junto às comunidades rurais? Como não poderia deixar de ser, refulge a diversidade de instituições e modalidades de trabalho junto aos camponeses, como podemos atestar numa apresentação panorâmica e sucinta das principais organizações a ele consagrado. Iniciando pela América Central e Caribe, a Universidade Rafael Landívar, na Guatemala, possuía um centro de capacitação de promotores camponeses pelo qual passaram milhares de camponeses. No encontro temático ocorrido na Colômbia em 1973 verificou-se que “seu peso nas comunidades rurais é realmente notável”¹⁹.

Na República Dominicana, a atuação da Companhia de Jesus se dava em vários âmbitos: a Rádio Santa Maria, na área das escolas radiofônicas; o Centro de Formación y Acción Social y Agraria (Cefasa), fundado em 1962 pelo jesuíta cubano exilado Francisco Guzmán e que oferecia cursos nas comunidades rurais; a Federação de Ligas Agrárias Cristãs (Fedelac), assessorada pelo CIAS Antilhas; e a experiência do padre Loubert, em Loma de Cabrerias, a partir da qual, mediante a formação de dirigentes de comunidades de base, construiu-se a experiência de substituição do sacerdote por “presidentes de assembleia” eleitos pelas comunidades, com o sacerdote convertendo-se em seu promotor religioso.

Na Venezuela, o CIAS promovia a organização cooperativa através da Cooperativa de Servicios Múltiples Agropecuarios Productores Agríco-

19 *Reunión de Promotores Sociales de los CIAS*, p.1. Arquivo Campo. Pasta CIAS (tradução nossa).

las Lara (Copalar), integrada por 600 famílias de camponeses cultivadores e exportadores de Barquisimeto. Na vizinha Colômbia, a atividade precípua do CIAS consistia na formação de dirigentes da Federação Agrária Nacional (Fanal) e da União Cooperativa Nacional (Uconal), ambas oriundas da Acción Social Católica, fundada em 1944 pelos bispos colombianos e coordenada pelos jesuítas Vicente Andrade Valderrama e Francisco Javier Mejía. Em 1962, o mesmo Javier Mejía havia fundado em Buga, no Valle del Cauca, o Instituto Mayor Campesino (IMCA), que dava cursos de quatro meses para a formação de jovens camponeses.

No Peru, o Centro de Investigación y Promoción del Campesinado (CIPCA), fundado em 1972, em Piura, no norte do país, pelo jesuíta Vicente Santuc, promoveu o desenvolvimento das comunidades camponesas. Nos primeiros anos, “dedicou-se principalmente a ajudar os agricultores a ajustar-se à reforma agrária que o governo militar levou a cabo em 1969” (KLAIBER, 2007, p. 419). São inegáveis os vínculos da Companhia de Jesus com o regime militar nacionalista peruano (1968-1980), sobretudo em sua primeira fase, durante o governo do general Juan Velasco Alvarado (1968-1975). Aliás, o filho do general Ernesto Montagne, primeiro-ministro de Velasco Alvarado, era jesuíta. De fato, enquanto secretário executivo de Ação Social da Comissão Episcopal Peruana (CEP), o jesuíta Ricardo Antoncich “ajudou a escrever muitos documentos da Igreja que legitimavam as reformas de Velasco” (idem, p. 395). Outro jesuíta, Juan Julio Wicht Rossel, chegou a interromper o doutorado em Economia que realizava na Universidade de Harvard (Estados Unidos) para trabalhar no Instituto Nacional de Planificação do governo, e outros dois companheiros seus, Ricardo Morales Basadre e Romeo Luna Victoria, foram nomeados, com aprovação da Igreja Católica, para trabalhar no Ministério da Educação.

A alta hierarquia católica apoiava muitas das medidas de Velasco Alvarado, a exemplo da Lei da Reforma Agrária. O próprio arcebispo de Lima, o cardeal franciscano Juan Landázuri, chegou a afirmar publicamente que “as terras da Igreja também devem ser afetadas pela reforma”²⁰. De qualquer modo, não se tratava de uma posição homogênea. Em 20 de junho de 1969, quatro dias antes da promulgação da referida Lei, 54 sacerdotes integrantes do Movimento Sacerdotal Oficina Nacional de Investigación Social (ONIS), alguns dos quais membros do CIAS peruano, lançaram uma Declaração, publicada nos jornais de maior circulação do país, na qual exigiram uma reforma agrária integral, para além da mera

20 Apud *Informaciones del Clacias*, Santiago, n. 3, p. 24, agosto de 1969.

distribuição de terra ou da obtenção de maior rendimento e melhor exploração dos recursos. Segundo eles,

os fins da reforma agrária e a insustentável situação de secular injustiça em que vivem as maiorias nacionais autorizam eticamente não apenas formas de expropriação mais radicais que as previstas na legislação atual, como também o confisco de bens e direitos no contexto da mudança dos regimes de propriedade que tal reforma implica. (...) É necessária uma verdadeira mobilização organizada dos camponeses como autênticos gestores da revolução que significa o processo de reforma agrária. Cremos que este tipo de mobilização se impõe não somente em relação aos camponeses, como também para com todas as classes oprimidas, caso se queira obter uma autêntica transformação estrutural. (...) No caso das empresas agrícolas, ao mesmo tempo proprietárias de empresas industriais, cujas matérias-primas são produzidas em suas próprias terras, devem ser adotadas as medidas necessárias para romper o monopólio da transformação e da comercialização dos respectivos produtos. Em não se tomando estas medidas, o campesinato permanecerá em situação de dependência. Ao mesmo tempo, a intensiva capacitação dos camponeses e operários lhes permitirá assumir a condução de tais empresas.²¹

Numa linha mais técnica, o Centro de Capacitación Agroindustrial Jesús Obrero (CCAJO), situado nos arredores de Cuzco (Peru) e fundado pelo mesmo Vicente Santuc no início da década de 1970, especializou-se na oferta de cursos, atividade que realiza até hoje.

No Equador, o Centro Pastoral e de Desenvolvimento para os Camponeses, fundado pelo jesuíta Julio Gortaire, em 1970, conseguiu retomar milhares de hectares expropriados dos camponeses da região de Riobamba. Por sua vez, alguns jesuítas do CIAS assessoravam as cooperativas agrícolas do litoral de Guayaquil ministrando cursos de Cooperativismo e Desenvolvimento de Comunidades em convênio com a Usaid, agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional criada pelo presidente John Kennedy em 1961.

Na Bolívia, a Acción Cultural Loyola (ACLO), fundada em 1967 por Carlos Quiroga, em Sucre, e expandida depois para outras regiões, como Potosí e Tarija, oferecia alfabetização em sentido amplo e formação de líderes camponeses. Já o Centro de Investigación y Promoción del Campesinado (CIPCA), criado em La Paz, em 1971, por uma equipe de jesuítas, dentre os quais Xavier Albó, e estendido posteriormente para outras regiões do país, objetivava fortalecer as organizações camponesas oprimidas pela ditadura de Hugo Banzer (1971-1972). Neste sentido, o CIP-

21 MOVIMIENTO Sacerdotal ONIS, 1973, p. 100, tradução nossa.

CA boliviano fomentou os estudos sobre o mundo dos camponeses, ajudando-os a organizar-se politicamente, e defendeu os direitos culturais dos povos aimará e demais minorias étnicas, interferindo na legislação oficial. A partir de 1995, adquiriu personalidade jurídica própria, desvinculando-se da Província da Bolívia, mas mantendo os princípios inicianos. O CIAS da Bolívia ainda manteve a Escola Agrícola de Charagua, no sul de Santa Cruz, administrada pela Companhia de Jesus entre 1963 e 1972.

No Paraguai, o trabalho junto ao campesinato ou a paróquias suburbanas era bastante expressivo, havendo estimativas de que, em 1971, de 60 a 70% da Vice-Província estava dedicada a estas áreas²². Um dos campos de ação mais significativo se deu junto às Ligas Agrárias Cristianas (LAC), criadas em 1960 e rapidamente ampliadas através da Federação Regional das Ligas Agrárias Cristãs (Ferelac), em 1962, e da Federação Nacional de Ligas Agrárias Cristãs (Fenelac), em 1964. A Igreja Católica, em geral, e os jesuítas, em particular, tiveram uma participação decisiva tanto na origem quanto no desenvolvimento das Ligas, sobretudo durante a brutal repressão promovida pela ditadura stronista em abril de 1976, quando milhares de camponeses superlotaram os cárceres do país (cf. TELESCA, 2010).

No Chile, a Associação Sindical Chilena (ASICH), fundada em junho de 1947 pelo jesuíta Alberto Hurtado (canonizado pelo papa Bento XVI em 2005) mas extinta na década de 1960, teve pouco impacto entre os trabalhadores rurais. A assessoria aos camponeses ficou a cargo da Pontifícia Universidade Católica do Chile, através da Escola de Sociologia.

No Brasil, o Centro de Estudos e Ação Social (CEAS), de Salvador, prestava assessoria a trabalhadores assalariados rurais e pequenos agricultores de diversas regiões da Bahia (sul e sudoeste, sobretudo), da Amazônia e de Estados nordestinos vizinhos (Alagoas e Maranhão, em especial). Dois momentos importantes desta trajetória merecem ser destacados: a fundação da Comissão Pastoral da Terra (CPT), em 1975, e o apoio à histórica greve dos trabalhadores do café do sudoeste baiano, em 1980.

O papel desempenhado pelo CEAS na fundação da CPT pode ser aferido pelo precioso testemunho de um dos jesuítas envolvidos neste processo, e, seguramente, um dos mais importantes no apostolado social da Companhia de Jesus do século XX, Cláudio Perani. A raridade do depoimento justifica uma citação mais longa. Cláudio Perani qualificou a

22 *Aplicación de la Carta de Río. Viceprovincia del Paraguay*. Arquivo CEPAG Paraguay. Caixa CEPAG-CIAS (1964-1976).

contribuição do CEAS como “limitada e parcial”, mas o próprio relato sugere o contrário:

Obra de jesuítas e leigos da Bahia, operando na reflexão social teórica e no trabalho educativo nos setores populares urbanos e rurais, o CEAS desde o início colaborou na fundação da CPT, comissão que foi fruto da convergência de várias forças: em primeiro lugar, o “grito” do povo do campo reivindicando a terra; em segundo lugar, vários grupos, de Igreja ou não, comprometidos com a luta dos trabalhadores rurais. Sem dúvida, foi determinante o compromisso da Prelazia de São Félix, com sua presença solidária e profética ao lado dos posseiros. (...) O CEAS, com alguns de seus membros [entre os quais o jesuíta Manuel Andrés Mato], participava de uma articulação nacional no âmbito da pastoral, que surgiu na época da ditadura, para poder traçar linhas comuns de ação na difícil situação existente. (...) A partir de 1972, os Cadernos do CEAS, que sempre tiveram como tema central o Nordeste, abriram espaço ao interesse pela Amazônia. (...) Por sua presença na articulação pastoral e por seu conhecimento da Amazônia, o CEAS foi convidado para coordenar e assessorar o encontro que estava sendo pensado e preparado para decidir a orientação da Igreja na questão dos conflitos do campo. (...) [A Assembleia de junho de 1975 em Goiânia] foi certamente um acontecimento extraordinário, sobretudo pela realidade violenta que apareceu e pelo desejo suscitado de comprometimento mais concreto com a luta dos posseiros. Foi também uma assembleia que inovou na orientação pastoral da Igreja. A decisão de estruturar uma Comissão Pastoral da Terra deu rumo novo à pastoral rural e influenciou muitas outras pastorais, particularmente as Comissões Eclesiais de Base. (PERANI, 2002, p. 47-50).²³

A partir do Encontro de Goiânia se consolidou a parceria entre o CEAS e as CPTs regionais, sobretudo nas regiões de cultura de café, cana-de-açúcar e cacau. Também representou certa ampliação na órbita de atuação, incluindo a assessoria aos trabalhadores assalariados rurais. Outro episódio importante da ação do CEAS na área rural ocorreu em 1980, por ocasião exatamente da greve dos trabalhadores assalariados na cultura do café na região sudoeste da Bahia, em especial Vitória da Conquista e Barra do Choça, entre 11 e 22 de maio de 1980. A Comissão Salarial, nascida em sua grande maioria no seio das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), enfrentou a oposição da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) local, contrária à greve, entre outros motivos por receio de acirramento da violência, uma vez que a conjuntura nacional

23 Uma coletânea com os textos fundamentais de Cláudio Perani (2009) pode ser lida na edição especial dos *Cadernos do CEAS*, revista que ele coordenou por muitos anos. Uma breve apresentação de sua trajetória pode ser lida em Costa (2011).

estava marcada pela forte repressão sofrida pelos metalúrgicos do ABC paulista em greve. É bom recordar que se tratava dos primeiros anos do último governo ditatorial, do general João Baptista Figueiredo, marcado pela ambiguidade com relação ao retorno à democracia e ao restabelecimento dos direitos, a exemplo da greve²⁴.

Um campo de conflitos

O tempo do CLACIAS representa uma verdadeira “encruzilhada de conjunturas” da história social e política. Na América Latina, a Guerra Fria foi agravada pela vitória da Revolução Cubana (1959), a frustrada invasão da Baía dos Porcos e o subsequente anúncio do caráter socialista (1961) e a crise dos mísseis (1962). A radicalização dos movimentos sociais foi respondida com a proliferação de golpes (civis e militares) e a sucessão de ditaduras: Paraguai (1954-1989), Brasil (1964-1985), Bolívia (1964-1982), Uruguai (1973-1985), Chile (1973-1990) e Argentina (1976-1983).

No plano eclesial, o Concílio Vaticano II (1962-1965) abriu as portas para a “opção preferencial pelos pobres”, que se faria sentir de maneira mais contundente justamente no continente latino-americano, sobretudo após a realização da IIª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Celam), ocorrida em Medellín (1968), e o posterior florescimento da Teologia da Libertação. Por seu turno, a morte do padre colombiano Camilo Torres (1965) em combate pelo Exército de Libertação Nacional (ELN) inaugurou a era do camilismo, com uma adesão muitas das vezes explícita de religiosos e leigos cristãos aos vários processos revolucionários que espocavam no continente²⁵. Os jesuítas latino-americanos não ficaram imunes a esta encruzilhada, muito pelo contrário:

A interpretação radical da Doutrina Social da Igreja pelos jesuítas reforçou as posições dos renovadores latino-americanos, os quais, alegando as resoluções do Concílio Vaticano II e as sucessivas encíclicas papais, passaram a exigir da hierarquia eclesial a aplicação de uma nova política no “espírito do Concílio”. (GRIGULÉVICH, 1984, p. 352, tradução nossa).

24 Os *Cadernos do CEAS* publicaram alguns artigos sobre as lutas dos trabalhadores rurais nesta região, em especial sobre esta greve histórica. Um deles, por sinal bastante crítico com relação à postura assumida por parte de alguns segmentos da Igreja Católica local, é de autoria do advogado Ruy Medeiros (1980), que defendeu judicialmente diversos trabalhadores agrícolas e posseiros na época.

25 Para a relação entre Igreja e Política neste período, cf. Klaiber (1997) e Löwy (2000).

Um dos momentos fortes desta radicalização se deu em 1968. Entre 6 e 14 de maio daquele ano, dezoito Provinciais da Companhia de Jesus na América Latina se reuniram com o Padre Geral Pedro Arrupe na Casa de Retiros da Gávea, no Rio de Janeiro, para uma semana de estudos e reflexão, ao final da qual redigiram um documento, a Carta dos Jesuítas da América Latina (mais conhecida como Carta da Gávea ou Carta do Rio), na qual se insistiu na necessidade de aportar mais recursos humanos e materiais no apostolado com os pobres e injustiçados. A importância dos CIAS foi mais uma vez frisada, “como contribuição nossa à mudança das estruturas sociais”. Um aspecto a ser ressaltado é o tom incisivo do documento, ainda mais por ter sido elaborado por Superiores, ou seja, as mais altas instâncias hierárquicas da Ordem no continente latino-americano, em parceria com o próprio Geral (o que, via de regra, conduz à adoção de um tom mais ameno nos pronunciamentos oficiais). Não foi este o caso, inclusive quando se tratou de um tema especialmente espinhoso naquela conjuntura do continente, qual seja o emprego da violência em processos de mudança social:

As atitudes violentas são inautênticas se se inspiram na utopia, na frustração ou no ódio, e não na reflexão da consciência e do amor cristão. São atitudes de evasão se omitem as ações presentes possíveis, com os sacrifícios que implicam. As atitudes passivas podem também ser inautênticas, por ignorância, inércia ou medo das ações corajosas, ou ainda por falta de interesse pelos outros. Em toda a sua ação, a Companhia de Jesus chamará os cristãos a esta reflexão e ao amor, estimulando os compromissos temporais.²⁶

Não à toa, para alguns estudiosos a “reunião do Rio significou um ponto culminante e decisivo de seu generalato no que concerne às relações com o chamado Terceiro Mundo. Todos os seus passos tinham o selo de uma generosa radicalidade” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 413, tradução nossa). Uma destas reflexões, seguidas de compromissos temporais, foi feita na Nicarágua da Revolução Sandinista (1979-1985). O jesuíta Fernando Cardenal integrou o Grupo dos Doze (círculo de políticos e intelectuais de apoio aos sandinistas), foi diretor da Juventude Sandinista e coordenador da Campanha Nacional de Alfabetização dos Camponeses, em 1980, da qual participaram ativamente outros dois jesuítas, Ignacio Amézola e Roberto Sáenz. Segundo Klaiber (2007, p. 441), ele foi o único jesuíta que “desempenhou um papel realmente importante no regime sandinista, mas vários outros jesuítas participaram ativamente em outros níveis e na campanha de alfabetização”.

26 *Carta da Gávea*, Rio de Janeiro, p.2, 14 de maio de 1968. Arquivo Campo. Pasta CIAS.

A radicalidade, todavia, cobra seu preço, e os jesuítas do apostolado social o pagaram, em especial aqueles que ousaram enfrentar o conflitivo campo das questões agrárias. O caso do Paraguai foi paradigmático. A assessoria às Ligas Agrárias Cristianas, acusadas de comunistas pelo governo ditatorial do general Alfredo Stroessner, serviu de pretexto para a deportação de diversos jesuítas como José Luís Caravias Aguilar, Vicente Barreto e Vicente Sarubbi Zaldívar entre fevereiro e março de 1972. Outra onda repressiva viria quatro anos depois, quando Antonio Caballero, Bartomeu Melià Lliterals, José Miguel Ortega, José Miguel Munarriz Sans e José Oriol Gelpí, jesuítas que apoiavam os camponeses contra a ditadura stronista, foram expulsos do país. Além deles, Luis Farré Maluquer, sacerdote rural e responsável nacional pelos diáconos camponeses do Paraguai, chegou a ser acusado de fazer parte de uma organização subversiva.

Na contígua Bolívia, Federico Aguiló Bomín, pároco de treze comunidades camponesas, participou da greve de fome denunciando a tortura e o ocultamento de cadáveres de guerrilheiros no governo do general Alfredo Ovando (1969-1970), daí porque foi preso e deportado. Cláudio Pou Viver, assessor do CIAS Bolívia, foi detido por quatro dias quando da invasão, em 17 de julho de 1980, da Radio Fides, de La Paz, pela ditadura de García Meza (1980-1981). Na Colômbia, Jaime Santander, coordenador de ação social da Diocese de Barranquilla e assessor da Juventude Trabalhadora Colombiana (JTC), foi preso em 1972 por defender os camponeses de Manatí, na costa atlântica, contra os fazendeiros grileiros.

Outra ocorrência particularmente dramática se deu em El Salvador. A atuação do Centro de Formação dos Campesinos na formação de delegados da palavra (catequistas) das paróquias de Aguilares e El Paisnal, ligados à Federación Cristiana de Campesinos Salvadoreños (FEC-CAS), resultou no assassinato de seu fundador, o padre Rutilio Grande, por tropas do governo, em 12 de maio de 1977. Nesse mesmo ano, Jorge Sarsandas foi deportado de El Salvador por suas atividades de apoio aos camponeses daquelas paróquias.

Em Honduras, o jesuíta James (Guadalupe) Carney, radicado no país centro-americano desde 1962 e naturalizado em 1973, teve sua naturalização revogada e foi deportado em 1979 por conta do trabalho realizado com camponeses. Refugiado na Nicarágua, James Carney vinculou-se a grupos de esquerda, abandonou a Companhia de Jesus em 1983 para se dedicar à militância política, mas terminou capturado em Honduras naquele ano junto a um grupo do Partido Revolucionario de Centroamérica. Ao que tudo indica, foi torturado e atirado de um helicóptero na selva.

Mas a repressão não veio somente da direita. Criado em 1976 na região andina de Jarpa, em Huancayo (Peru), Promoción y Capacitación de Adultos (PROCAD), um centro educativo para os camponeses, foi destruído em 1988 num ataque do Sendero Luminoso, felizmente, sem ferir os dois jesuítas presentes.

Fontes e referências bibliográficas

Arquivos

Arquivo da Casa da Memória Popular (Campo), Salvador, Brasil.

Arquivo do Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch (CEPAG), Assunção, Paraguai.

Arquivo do Secretariado de Justiça Social (SJS), Roma, Itália.

Referências bibliográficas

AIXALÁ, J. Visitador. In: O'NEILL, Charles E.; DOMINGUEZ, Joaquín M. (org.). *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús*. Tomo II. Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu; Madri: Universidad Pontificia Comillas, p. 1748-1749, 2001.

ANTONCICH, Ricardo. *Apostolado Social: sector y dimensión apostólica*. Rio de Janeiro: Conferência dos Provinciais Jesuítas da América Latina (CPAL), s.d.

COSTA, Iraneidson Santos. A eficácia de uma presença libertadora: a trajetória do padre Cláudio Perani (1932-2008). *Revista Perspectiva Histórica*, Salvador, n. 1, p. 47-56, 2011.

_____. Amar e Servir no Sul da América: origem e articulação dos centros sociais jesuítas. *Caderno CRH*, Salvador, v. 29, número especial 3, p. 171-186, 2016.

FERNÁNDEZ, Francisco López. *ILADES: testimonio de una historia, 1965-1998*. Santiago: Universidade Alberto Hurtado, 2013.

FOYACA, Manuel. Instrução do Padre Manuel Foyaca. In: COMPANHIA de Jesus. *Pastoral Popular: fundamentação inaciana*. São Paulo: Loyola, p. 115-142, 1991.

GRIGULÉVICH, J. La Iglesia Católica y el movimiento de liberación em America Latina. Moscou: Progreso, 1984.

GUTIÉRREZ, Alberto. Arrupe y América Latina. In: LA BELLA, Gianni (org.). *Pedro Arrupe, general de la Compañía de Jesús: nuevas aportaciones a su biografía*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, p. 399-426, 2007.

JANSSENS, Jean-Baptiste. Instrução sobre o Apostolado Social. Roma, 10 de outubro de 1949. In: COMPANHIA de Jesus. *Pastoral Popular: fundamentação inaciana*. São Paulo: Loyola, p. 85-113, 1991.

KLAIBER, Jeffrey. *Iglesia, dictadura y democracia en América Latina*. Lima: PU-C-Perú, 1997.

_____. *Los jesuítas en América Latina, 1549-2000: 450 años de inculturación, defensa de los derechos humanos y testimonio profético*. Lima: Universidade Antonio Ruiz de Montoya, 2007.

LÖWY, Michael. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis, Vozes; Rio de Janeiro, LPP/UERJ; Buenos Aires, CLACSO, 2000.

LOYOLA, Inácio de. *Constituições da Companhia de Jesus*. Trad. de Joaquim Mendes Abranches. Lisboa: Companhia de Jesus, 1975.

MEDEIROS, Ruy. A greve dos trabalhadores na cultura do café. *Cadernos do CEAS*, Salvador, n. 70, p. 43-55, novembro/dezembro, 1980.

MOVIMENTO Sacerdotal ONIS. Declaración sobre la Reforma Agrária. Lima, 20 de junho de 1969. In: *Signos de liberación: testimonios de la Iglesia en América Latina, 1969-1973*. Lima: Centro de Estudios y Publicaciones (CEP), p. 98-101, 1973.

PERANI, Cláudio. O início da Comissão Pastoral da Terra: colaboração do Centro de Estudos e Ação Social. In: POLETTO, Ivo; CANUTO, Antônio (org.). *Nas pegadas do povo da terra: 25 anos da Comissão Pastoral da Terra*. Goiânia: CPT; São Paulo: Loyola, p. 47-52, 2002.

_____. Igreja Popular. Movimentos Sociais. Teologia da Libertação (coletânea). *Cadernos do CEAS*, Salvador, n. 233, janeiro/junho, 2009.

TELESCA, Ignacio. *Ligas Agrarias Cristianas*. Orígenes del movimiento campesino em Paraguay (1960-1980). Assunção: Cepag; Teko Pyahu, 2010.

Publicações do Instituto Humanitas Unisinos



Nº 48 – *Mineração e o impulso à desigualdade: impactos ambientais e sociais*

Cadernos IHU em formação é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que reúne entrevistas e artigos sobre o mesmo tema, já divulgados na revista *IHU On-Line* e nos Cadernos IHU ideias. Desse modo, queremos facilitar a discussão na academia e fora dela, sobre temas considerados de fronteira, relacionados com a ética, o trabalho, a teologia pública, a filosofia, a política, a economia, a literatura, os movimentos sociais etc., que caracterizam o Instituto Humanitas Unisinos – IHU.



Nº 115 – *A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas* – Castor Bartolomé Ruiz

A publicação dos Cadernos Teologia Pública, sob a responsabilidade do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, quer ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A Teologia Pública busca articular a reflexão teológica em diálogo com as ciências, as culturas e as religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Procura-se, assim, a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade hoje, especialmente a exclusão socioeconômica de imensas camadas da população, constituem o horizonte da teologia pública. Os Cadernos Teologia Pública se inscrevem nesta perspectiva.



Nº 53 – *Por Onde Navegam?* – Estudo sobre jovens e adolescentes do Ensino Médio de São Leopoldo e Novo Hamburgo – Hilário Dick, José Silon Ferreira & Luis Alexandre Cerveira

Os Cadernos IHU divulgam pesquisas produzidas por professores/pesquisadores e por alunos dos cursos de Pós-Graduação, bem como trabalhos de conclusão de acadêmicos dos cursos de Graduação. Os artigos publicados abordam os temas ética, trabalho e teologia pública, que correspondem aos eixos do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.



Nº 248 – *Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia* – Roberto Romano

Os Cadernos IHU ideias apresentam artigos produzidos pelos convidados-palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU. A diversidade dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é um dado a ser destacado nesta publicação, além de seu caráter científico e de agradável leitura.

CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Edla Eggert
- N. 03 *O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo* – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 04 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Sonia Montañó
- N. 05 *Ermani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 06 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Manfred Zeuch
- N. 07 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Renato Janine Ribeiro
- N. 08 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Suzana Klipp
- N. 09 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Márcia Lopes Duarte
- N. 10 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Valério Cruz Brittos
- N. 11 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Édison Luis Gastaldo
- N. 12 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Márcia Tiburi
- N. 13 *A domesticação do exótico* – Paula Caleffi
- N. 14 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Edla Eggert
- N. 15 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Gunter Axt
- N. 16 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Stela Nazareth Meneghel
- N. 17 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Débora Krischke Leitão
- N. 18 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Mário Maestri
- N. 19 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Maria da Conceição de Almeida
- N. 20 *Os donos do Poder, de Raymond Faoro* – Helga Irace-ma Ladgraf Piccolo
- N. 21 *Sobre técnica e humanismo* – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 22 *Construindo novos caminhos para a intervenção sociotária* – Lucilda Selli
- N. 23 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Paulo Henrique Dionísio
- N. 24 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Valério Rohden
- N. 25 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Miriam Rossini
- N. 26 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Nisia Martins do Rosário
- N. 27 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 28 *O modo de objetivação jornalística* – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 29 *A cidade afetada pela cultura digital* – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 30 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 31 *Getúlio, romance ou biografia?* – Juremir Machado da Silva
- N. 32 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – André Gorz
- N. 33 *A meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades* – André Sidnei Muskopf
- N. 34 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 35 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Marco Aurélio Santana
- N. 36 *Adam Smith: filósofo e economista* – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 37 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Airton Luiz Jungblut
- N. 38 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Fernando Ferrari Filho
- N. 39 *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Luiz Mott
- N. 40 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Gentil Corazza
- N. 41 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – Adriana Braga
- N. 42 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Leda Maria Paulani
- N. 43 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 44 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Edison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leister, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 45 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Gérard Donnadieu
- N. 46 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Lothar Schäfer
- N. 47 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Ceres Karam Brum
- N. 48 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Achyles Barcelos da Costa
- N. 49 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Gérard Donnadieu
- N. 50 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 51 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Evilázio Teixeira
- N. 52 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Éida Azevedo Henington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 53 *Ética e emoções morais* – Thomas Kesseling
- N. 54 *Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral?* – Adriano Naves de Brito
- N. 55 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Fernando Haas
- N. 56 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – An Vranckx
- N. 57 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Gilberto Dupas
- N. 58 *O crescimento como condição de uma sociedade convívil* – Serge Latouche
- N. 59 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Günter Küppers
- N. 60 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Hazel Henderson
- N. 61 *Globalização – mas como?* – Karen Gloy
- N. 62 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – Cesar Sanson
- N. 63 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Regina Zilberman

- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Artur Cesar Isaiá
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Ney Lemke
- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Octavio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missionária colonial e seu território* – Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Bioética* – Alfredo Culletton e Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnologia* – Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Marín Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Valério Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – Adriano Premevida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, temo e democrático?* – Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração* – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janelas: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montano
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Carlos Daniel Baio
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de modelos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel*
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins

- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Ederson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: o caso dos guarani* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta
- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greycy Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasserman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaikowá e guarani Te'yikue no município de Caaraó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Máio Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perroux Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimizações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente, solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite")* – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
- N. 186 *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castiel
- N. 189 *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
- N. 190 *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
- N. 191 *#VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci

- N. 192 *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
- N. 193 *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica* – Rodrigo Ciconet Domelles
- N. 194 *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 *A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico* – Adolfo Nicolás
- N. 197 *Brasil: verso e reverso constitucional* – Fábio Konder Comparato
- N. 198 *Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva* – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 *Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI* – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari
- N. 200 *Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia* – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 *Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética* – Jordi Maiso
- N. 202 *Fim da Política, do Estado e da cidadania?* – Roberto Romano
- N. 203 *Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania* – Maria da Glória Gohn
- N. 204 *As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend* – Miguel Ángel Flach
- N. 205 *Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro* – Fábio Konder Comparato
- N. 206 *Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual* – Karla Saraiva
- N. 207 *Territórios da Paz: Territórios Produtivos?* – Giuseppe Cocco
- N. 208 *Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro* – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 *As possibilidades da Revolução em Eilul* – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 *A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben* – Márcia Rosane Junges
- N. 211 *Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo* – Sandra Caponi
- N. 212 *Verdade e História: arqueologia de uma relação* – José D'Assunção Barros
- N. 213 *A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ* – José Odelso Schneider
- N. 214 *Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze* – Sandro Chignola
- N. 215 *Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação* – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 *A realidade complexa da tecnologia* – Alberto Cupani
- N. 217 *A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend* – Hans Georg Flickinger
- N. 218 *O ser humano na idade da técnica* – Humberto Galimberti
- N. 219 *A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre* – Halina Macedo Leal
- N. 220 *O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil* – José Eduardo Franco
- N. 221 *Neurofuturos para sociedades de controle* – Timothy Lenoir
- N. 222 *O poder judiciário no Brasil* – Fábio Konder Comparato
- N. 223 *Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão* – Jesús Conill Sancho
- N. 224 *O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867)* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 *O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais* – Xavier Albó
- N. 226 *Justiça e perdão* – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 *Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor)* – Martín Almada
- N. 228 *A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo* – Sandro Chignola
- N. 229 *Um olhar biopolítico sobre a bioética* – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 *Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil* – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 *Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida* – Jesús Conill Sancho
- N. 232 *Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul* – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 *Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança* – Elsa Cristine Bevia
- N. 234 *O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira* – Róber Iturriet Avila e João Batista Santos Conceição
- N. 235 *Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945)* – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 *Economias Biopolíticas da Dívida* – Michael A. Peters
- N. 237 *Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação* – Halina Macedo Leal
- N. 238 *O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global?* – Leandro Inácio Walter
- N. 239 *Brasil: A dialética da dissimulação* – Fábio Konder Comparato
- N. 240 *O Irrepresentável* – Homero Santiago
- N. 241 *O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno* – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 *Uma crise de sentido, ou seja, de direção* – Stefano Zamagni
- N. 243 *Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão* – Dirce Koga
- N. 244 *A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal* – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 *Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo* – Moysés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 *O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo* – Andrea Fumagalli
- N. 247 *Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo* – Dora Lilia Marin-Díaz
- N. 248 *Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia* – Roberto Romano



Iraneidson Santos Costa. Doutor (2007) e Mestre (1997) em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduado em Sociologia (1991) pela UFBA. Professor adjunto III do Departamento de História da UFBA e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em História da UFBA (PPGH/UFBA). Membro da ANPHLAC e do Comitê Editorial dos Cadernos do CEAS (dos quais foi redator entre 2001 e 2007). Os principais interesses de pesquisa são: História da América; História das Religiões, História e Memória das Lutas Populares, Religião e Movimentos Sociais na América Latina e no Nordeste brasileiro.

Algumas publicações do autor

COSTA, Iraneidson Santos. Os arautos da palavra eficaz: a pregação dos bispos proféticos nordestinos. In: RODRIGUES, Cândido; PEIXOTO, Renato Amado. (Org.). *Olhares sobre os catolicismos no Centro-Oeste, Nordeste e Norte do Brasil*. Cuiabá: EdUFMT, p. 277-301, 2016.

_____. As crises passarão. Os Cadernos do CEAS, passarinho! Os desafios de uma revista crítica de humanidades no atual contexto brasileiro. *Cadernos do CEAS*, Salvador, n. 237, p. 435-443, mai./ago. 2016.

_____. Um mestre com história. In: PINTO, Francisco da Costa; MARQUES, Geider Lins; BARREIRO, José Enrique. (Org.). *Colégio Antônio Vieira: cem anos, cem histórias, sem censura*. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, p. 221-223, 2015.

_____. Os bispos nordestinos e a criação da CNBB. *Interações: Cultura e Comunidade (Faculdade Católica de Uberlândia. Impresso)*, v. 9, p. 109-143, 2014.

_____. “Eu ouvi os clamores do meu povo”: o episcopado profético do Nordeste brasileiro. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 11, n. 32, p. 1461-1484, out./dez. 2013.

_____. *Que papo é esse?* Igreja católica, movimentos populares e política no Brasil (1974-1985). Feira de Santana: UEFS, 2011.

_____. Os Confessores de Marx: a Companhia de Jesus e o Marxismo (1937-1982). *Revista de História*, São Paulo, n. 162, p. 335-368, 2010.

Outras contribuições

COSTA, Iraneidson Santos. *As classes populares, mestres da caminhada*. Entrevista especial publicada por IHU On-Line, em 25/08/2008. Disponível em: <https://goo.gl/gZJzTf>. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos - IHU.



UNISINOS